

O PAPA FRANCISCO E A VOCAÇÃO À SANTIDADE HOJE: notas de leitura

Pope Francis and the call to holiness today:
reading notes

Antonio Alves de Melo^()*

Resumo

O chamado à santidade no mundo atual é um desafio, uma vez que ser santo foi muitas vezes entendido de maneira equivocada. Não se trata da entrega a comportamentos ou a práticas piedosas extravagantes, nem da pertença a uma elite religiosa. Ser santo é a vocação de todo fiel em Cristo e até mesmo de todo ser humano, tendo o Cristo por fundamento e modelo, e o Espírito Santo como aquele que opera em todos a cristificação não como produção em massa, e sim numa comunhão que se realiza conforme a originalidade de cada pessoa. Além daqueles santos que ganharam fama especialmente pela canonização, devemos estar atentos àquela “nuvem de testemunhas” com as quais convivemos dia a dia, a começar por nossa família e por nossos amigos. Vivemos rodeados de santos e não notamos. Mais ainda, membros da Igreja do Brasil, Igreja que até hoje não logrou possuir rosto próprio, precisamos conhecer melhor e aprender a ser cristãos com aqueles brasileiros e brasileiras que souberam seguir Jesus conforme o jeito brasileiro de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: Santidade. Vocação. Testemunhas. Ser e estar no mundo. Brasileiros.

Abstract

The call to holiness is a challenge in the present world, since being holy was often misunderstood. It is neither a question of surrendering to extravagant pious behavior or to practices nor one of belonging to a religious elite. To be holy is the vocation of every believer in Christ and even of every human being, having the Christ as the foundation and as the model, and the Holy Spirit as the one who works the christification within all not as mass production, but in a communion that is accomplished according to the originality of each person. In addition to those saints who have gained fame especially for the canonization, we have to be attentive to that "cloud of witnesses" we live with day by day, by starting with our family and our friends. We live surrounded by saints and we do not notice it. Moreover, as members of the Church of Brazil, a Church that has not managed to have a face of its own so far, we need to have better knowledge and to learn to be Christians with those Brazilians who knew how to follow Jesus according to the Brazilian way of being in the world.

Keywords: Holiness. Vocation. Witnesses. Being in the world. Brazilians.

^(*)Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana – Roma. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia- São João Del Rey. Lecionou Filosofia e Teologia na UBM - Barra Mansa, IFITEPS - Nova Iguaçu; Universidade Severino Sombra – Vassouras; Instituto Diocesano de Teologia - Volta Redonda. Publica artigos em: Revista Eclesiástica Brasileira (REB), Grande Sinal, Repensando, Revista Brasileira de Filosofia, Mensaje Iberoamericana, Interações – Cultura e Comunidade. Atua em Pinheral – RJ.

Email: antomaguin@gmail.com

INTRODUZINDO O TEMA

A 19 de março, dia de São José, o papa Francisco lançou a exortação apostólica *Gaudete et exultate (Alegrai-vos e exultai)*¹. sobre o chamado à santidade no mundo atual. Falar em santidade hoje parece anacrônico. De um lado, o assunto não desperta maior interesse. De outro, não faltam entre os crentes graves equívocos em torno do que sejam os santos. Com frequência são confundidos com esquisitões doentamente religiosos, abobalhados, fingidos ou, noutra linha de caricatura, pessoas perfeitas do nascimento à morte, sem ter cometido jamais qualquer deslize moral ou legal. Santidade significaria, pois, imaturidade e desequilíbrio, hipocrisia e legalismo ou a mistura de tudo isso. Confunde-se ainda santidade com receber visões, fazer previsões, permanecer em jejum por anos e anos, operar milagres. Ora, não são poucas as ambigüidades inerentes a esses fenômenos, quando não se trata de meras chantagens. Escreve São João da Cruz:

Receio ainda ter sido muito breve em me limitando a aconselhar cautela nessas comunicações exteriores e sensíveis sem jamais as admitir – a não ser, em certas circunstâncias muito raras e sob o parecer de alguém com muita autoridade, e excluindo sempre o desejo delas².

A exortação pontifícia inspirou-me estas notas de leitura elaboradas sem muito rigor acadêmico, e sim levado pelo desejo de compartilhar os pensamentos que despertou em mim.

O que significa verdadeiramente ser santo? O papa Francisco busca responder a esta pergunta não através de um tratado teológico de inspiração escolástica, cheio de definições e distinções, mas, fundamentando-se numa sólida teologia bíblica e sistemática, recorda o verdadeiro sentido da vocação universal à santidade, encarnando-a no contexto atual, com as oportunidades e riscos que ele oferece. Dada a riqueza do documento, as notas de leitura seguintes limitam-se apenas a seu primeiro capítulo.

Até algum tempo se pensava que na igreja havia um grupo especialmente chamado à santidade. Quem desejasse fazer parte dele, deveria abraçar o “estado de perfeição” ingressando numa ordem ou congregação religiosa. Ouvi, em certa ocasião,

¹ Doravante a exortação será indicada com a sigla *Ge*.

² São João da Cruz, *Subida do Monte Carmelo*, em: *Obras Completas*, Vozes – Carmelo Descalço do Brasil, Petrópolis, 2002, 223.

de um mestre de noviços que os cristãos comuns chegavam ao céu por estradas sinuosas, ao passo que os religiosos seguiam para o mesmo destino através de um caminho reto.

O Vaticano II deu um passo decisivo nessa questão ao ensinar que todos os cristãos são chamados à santidade: “Munidos de tantos e tão salutares meios, todos os cristãos de qualquer condição ou estado são chamados pelo Senhor, cada um por seu caminho à perfeição da santidade pela qual é perfeito o próprio Pai” (*Lumen gentium*, 11). Deixando em aberto a questão da especificidade da vocação cristã, a santidade é a vocação não apenas dos cristãos, mas de todos os seres humanos em virtude da encarnação do Verbo, do envio do Espírito Santo a todos os seres humanos e da ação universal do mesmo Espírito.

Neste sentido devem ser lembradas três afirmações da *Gaudium et spes*, 22: “Na realidade o mistério do ser humano só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado”; “Por sua encarnação, o Filho de Deus uniu-se de algum modo a todo ser humano”; “Tendo Cristo morrido por todos e sendo uma só a vocação última do ser humano, isto é, divina, devemos admitir que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem, de modo conhecido somente por Deus, a este mistério pascal”. Nesta perspectiva ensina o papa Francisco: “A santidade é o rosto mais belo da Igreja. Mas mesmo fora da Igreja Católica e em áreas muito diferentes, o Espírito suscita “sinais da sua presença, que ajudam os próprios discípulos de Cristo”(Ge, 9). Eu mesmo fui ajudado a ver isso através do testemunho de fé de um seguidor do candomblé. Viajava de ônibus de Vitória para Salvador. Durante uma parada, um senhor se aproximou e me perguntou se eu era padre. Respondi que sim. Foi o início de uma conversa que nunca esqueci. Ele era seguidor do candomblé e seguia para Salvador a fim de cumprir uma obrigação no terreiro ao qual estava ligado. Começou então a dar-me uma aula de teologia do candomblé. Ele acreditava de coração em sua religião e a testemunhava sem proselitismo algum. Pelo contrário, mostrava o maior respeito pelo catolicismo. Foi uma belíssima experiência de diálogo inter-religioso. Sem dúvida, o Espírito Santo estava em ação naquele seguidor do candomblé e em mim, padre católico, durante aquela conversa.

SANTIDADE DIVINA E SANTIDADE HUMANA

A santidade é fundamentalmente um atributo essencial de Deus, o Totalmente Outro, diverso e inatingível em sua natureza, perfeito e dinâmico em sua vontade. Diferentemente do que diz a metafísica, Deus não é Pensamento de Pensamento voltado sobre si mesmo, mas um Deus vivo que transmite sua santidade para conduzir à comunhão com ele o ser humano e todos os outros seres, enviando-nos seu Filho e dando-nos seu Espírito³.

Na esteira de Hb 12,1, o papa Francisco recorda a “nuvem de testemunhas” de que fazem parte não somente os oficialmente beatificados e canonizados, mas os cristãos e cristãs com as quais convivemos: “nossa própria mãe, uma avó ou outras pessoas próximas de nós” (Ge,3). Vêm-me à lembrança duas donas de casa e mães de família que conheci. Uma participava ativamente da pastoral paroquial, a outra quase não ia à igreja, embora rezasse o terço com os filhos todas as noites. Ambas suportavam sem qualquer revolta um matrimônio difícil, dedicavam-se aos filhos e transbordavam uma profunda alegria que emergia do interior de seus sofrimentos. Recordo também dois homens, um agricultor e um pedreiro. Ambos dedicados esposos e autênticos pais de família para seus numerosos filhos, responsáveis e honestos no trabalho, dotados daquela sabedoria “só de experiência feita”, no cantar de Camões, sabedoria infundida pelo Espírito Santo, alimentada pela leitura e meditação da Escritura e por uma oração profunda e sem “fervorinhos”. Enfim vem-me à lembrança o padre Eliseu. Por mais de quarenta anos ele esteve à frente de uma paróquia no sertão da Bahia. Já muito idoso, preso a uma cadeira de rodas, recebeu a visita de três jovens diáconos que brevemente receberiam a ordenação presbiteral. Referindo-se àquelas dezenas de anos como pároco, a tudo que vivenciou naquele *interiorzão*, concluiu com as palavras: “Tudo fiz por amor a Jesus Cristo. Façam vocês o mesmo!”. Certamente esse obscuro “vigário da roça” não será canonizado. No entanto, é um santo como tantos obscuros “vigários da roça” que, com sua caridade pastoral, em meio a acertos e erros, tudo fizeram por amor a Jesus Cristo e ao povo. Sua caridade pastoral foi tão impressionante como a do célebre São João Maria Wianney, o Cura d’Ars. É tempo de não continuar presos a santos de outros continentes e começar a descobrir e venerar os santos e santas do Brasil. Entre eles recordamos o franciscano frei Antônio do Sacramento, em sua longas caminhadas

³ Ver *Bíblia do Peregrino*, comentário a Lv 17-27, Paulus, São Paulo, 2002, 206-207; A.G. Rubio, *Elementos de antropologia teológica*, 6ª edição, Vozes, Petrópolis, 2013, 37-273.

missionárias, vestindo seu hábito religioso, levando o breviário, um cajado em que se apoiava e, para o lazer, o tabaco carregado num corrimboque, acompanhado por uma cadelinha; Francisco da Soledade, monge, eremita e, mais tarde, presbítero, iniciador no sertão da Bahia da devoção ao Bom Jesus da Lapa; Frei Galvão; padre Ibiapina com seus beatos e beatas em heróica dedicação aos órfãos e aos retirantes vítimas da seca, bem como a santas missões populares em que articulava piedade religiosa e promoção humana das sofridas populações do interior nordestino; Nhá Chica. É trágica a história da escravidão no Brasil. Mesmo assim, nela também encontramos santos e santas. Faço a memória de dois dentre eles: padre Vítor e o catequista leigo José Lopes Espinallo, caboverdeano de nascimento e admirável catequista dos índios na Amazônia. Além desses há uma numerosa multidão de homens e mulheres que seguiram Jesus Cristo com admirável fidelidade no ramerrão diário do “pequeno caminho”. Entre eles se encontram parentes, conhecidos e amigos nossos.

“O Brasil me ensinou a viver”, dizia um jornalista espanhol a retornar a seu país de origem depois de alguns anos passados entre nós. Humildes cristãos com as peculiaridades de filhos do povo brasileiro são nossos mestres na fé, mostram-nos como sermos discípulos de Jesus.

Brasileiro é, pois, esta gente nativa, mestiça, sobrance e indesejada, que irrompe na sociedade colonial, partida entre senhores e escravos, como uma entidade nova e intrusa. A imensa maioria destes brasileiros, tanto os de ontem como os de hoje, tidos como brancos, deixa ver nas feições, a marca de sua origem indígena, se morenos, sua ancestralidade africana⁴.

Também são brasileiros os descendentes daqueles imigrantes *que aqui chegaram a partir de crises que os tornaram excedentes, descartáveis, da mão-de-obra de suas pátrias, e que aqui encontraram um imenso país já aberto, de fronteiras fixadas, regendo autonomamente seu destino*⁵. Tais descendentes, às vezes, assumem uma postura de ridícula superioridade.

OS SANTOS, NOSSOS IRMÃOS E IRMÃS

Na exortação *Spe salvi*, Bento XVI refere-se à dimensão comunitário-popular da salvação. Deus salva um povo e salva cada pessoa inserida no povo, em sua cultura,

⁴ D. Ribeiro, *A invenção do Brasil*, Companhia das Letras, São Paulo, 1995, 32. Cf. M. Diegues Jr, *Etnias e culturas do Brasil*, 3ª edição (aumentada e revista), Letras e Artee, Rio, 1963.

⁵ D. Ribeiro, *A invenção do Brasil*, 443.

história e destino. Ensina o papa Francisco: “O Senhor, na história da salvação, salvou um povo. Não há identidade plena, sem pertença a um povo. Por isso, ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-nos tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que se estabelecem na comunidade humana: Deus quis entrar em uma dinâmica popular, na dinâmica de um povo”⁶.

No interior dessa dinâmica, o Espírito Santo suscita e alimenta admiráveis testemunhos de santidade em homens e mulheres comuns. Seguem alguns exemplos dessa ação santificadora do Espírito Santo no cotidiano dos fiéis. O poeta Carlos Drummond de Andrade conservou consigo por toda a vida um papelzinho a que dava o nome de “Recordações da Mamã”. Nesse papelzinho aquela dona de casa do interior de Minas, certamente uma cristã de estilo tradicional, dava ao filho três orientações da mais radical inspiração evangélica: “Não guardes ódio de ninguém; Compedece-te dos pobres; Cala os defeitos dos outros”.⁷ A avó que cuidava da neta cancerosa e do neto doente mental, dispondo mensalmente de um salário. Testemunho análogo vem-nos de Atenágoras, apologeta do II século: “Entre nós encontrareis por certo muita gente simples, artesãos, velhinhas... que, se pela palavra não são capazes de argumentar em favor de sua religião, mostram com as obras a boa escolha que fizeram. É gente que não se aplica a decorar discursos, mas pratica boas ações: não ferem quem os fere, não levam aos tribunais quem os espolia, dão a todos que lhe pedem e amam ao próximo como a si mesmos”⁸. A santidade cresce através dos pequenos gestos de solidariedade, respeito, gentileza, perdão e assim por diante.

“Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Esta é muitas vezes a santidade ‘ao pé da porta’, daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras - da ‘classe média da santidade’” (Ge, 7). A história da igreja registra martírios heróicos. Fiéis que suportaram atroz sofrimentos por fidelidade a Jesus Cristo. No entanto, a imensa maioria dos fiéis tem vivido a fé sem grandiosidade nem brilho, Ma isso em nada diminui o valor de sua vivência e se seu testemunho. Afirma o filósofo Terry Eagleton: “O cristianismo é decepcionantemente materialista, desprovido de glamour, prosaico”⁹.

⁶ Ge,6; cf. *Documento de Aparecida*, 258-265..

⁷ C.D. de Andrade, *Farewell*, Record, Rio, 1996, 10-11.

⁸ Citado em C.F. Gomes, *Antologia dos Santos Padres*, Paulinas, São Paulo, 1974, 99-100.

⁹ T. Eagleton, *O debate sobre Deus*, Nova Fronteira, Rio, 2011, 28.

Não foram assim os anos vividos pelo Senhor Jesus em Nazaré até o início de sua atividade messiânica? Com a palavra mais uma vez Terry Eagleton: “Foi o cristianismo, e não a *intelligentsia* francesa, que inventou o conceito da vida cotidiana”¹⁰ Há uma profunda afinidade entre este conceito e o mistério da encarnação. O fato narrado a seguir o comprova.

Anos atrás, de passagem por Nazaré da Galileia, onde Jesus vivera a infância, a adolescência e a entrada na idade adulta, vi um bando de meninos palestinos pobres brincando na maior algazarra, correndo pra lá e pra cá. O padre que nos acompanhava, residente há muitos anos na Palestina, havia dito: “O que há de mais interessante em Nazaré são as crianças”. Jesus fora um menino como aqueles a brincar com seus colegas pelas ruelas da pequenina Nazaré. Assim Deus humanizado – o menino Deus – vivia o cotidiano. Assim o Verbo eterno habitou entre nós, feito um de nós (ver Jo 1,14).

O papa Francisco ensina que, através do testemunho vivo de fé e caridade, os membros mais humildes do povo de Deus participam da função profética de Cristo. Falar em acontecimento profético sempre traz à mente um evento desses que chamam a atenção por seu caráter insólito, marcante. Citando um texto de Santa Teresa Benedita da Cruz, o papa ensina que é através de muitos desses eventos corriqueiros que se constrói a verdadeira história (Ge,8). Os grandes eventos são tecidos no imenso tear dos eventos cotidianos a entrecruzar-se misteriosamente. Somente quando raiar o Dia sem ocaso compreenderemos o sentido dessa tapeçaria de linhas entrecruzadas, dessa colorida colcha de retalhos com suas manchas e rasgões. Vale a pena transcrever o texto da grande carmelita:

Na noite mais escura, surgem os maiores profetas e os santos. Todavia, a corrente vivificante da vida mística permanece invisível. Certamente os eventos decisivos da história do mundo foram essencialmente influenciados por almas sobre as quais nada se diz nos livros de história. E saber quais sejam as almas a quem devemos os acontecimentos decisivos de nossa vida pessoal é algo que só conheceremos no dia em que tudo o que está oculto for revelado¹¹.

Os santos são seres humanos. “A sua vida talvez não tenha sido sempre perfeita, mas mesmo no meio de imperfeições e quedas continuaram a caminhar e agradaram ao Senhor” (Ge, 1). Não se pode exigir tudo de todos ao mesmo tempo, e sim o melhor que cada um pode realizar conforme as possibilidades existentes, porém no interior de um

¹⁰ T. Eagleton, , *O debate...*, 28.

¹¹ Citado em *Ge*,8.

dinamismo de crescimento e aprofundamento. “Importante é que cada fiel entenda o seu próprio caminho e traga à luz o melhor de si mesmo, quanto Deus colocou nele de muito pessoal (1Cor 12,7), e não se esgote procurando imitar algo que não foi pensado para ele“(Ge, 11). A vida cristã é um Caminho. Este Caminho é Jesus. Somos chamados a segui-lo, cada um com ritmo, cadência, movimento próprios, atentos a cada instante ao passo a ser dado imediatamente aqui e agora, bem como voltados para o horizonte sem limites do *éschaton* final. Então se revelará o valor de eternidade dos pequenos e quase invisíveis passos do dia a dia. Seguimos Jesus imersos no realismo cru da história presente, inclusive da história da Igreja, com suas ambiguidades e simultaneamente cheios de esperança na plenitude do éon futuro. Então, a multidão imensa, incontável, composta por gente de todas as nações, tribos, povos e línguas estará de pé diante do trono do Cordeiro, vestindo túnicas brancas, e palmas não mão, proclamando: “A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro (Ap 7,9-10).

A referência à condição humana dos santos em suas grandezas e misérias traz à mente duas marcantes figuras da antiguidade cristã. Ambos foram teólogos e bispos: Ireneu de Lião (+ cerca de 202) e Cirilo de Alexandria (+ 444). Ireneu era dotado de lhanza de caráter. Refutou o gnosticismo com honestidade, sem agressividade e sem paixão. É de sua autoria a belíssima frase: “Não existe Deus sem bondade”. Ireneu foi testemunha e sinal da bondade divina. Cirilo, ao contrário, possuía um caráter duro, inflexível, implacável, intolerante com os adversários. Com razão, foi um dos homens mais criticados do tempo em que viveu. Por ocasião de sua morte, alguém escreveu: “Finalmente, finalmente ei-lo morto, este homem malvado. Seu falecimento alegra os sobreviventes, mas deve ter afligido os mortos”. A respeito dele afirma São João Newman: “Cirilo não aceitaria que se julgasse sua santidade de acordo com seus atos”¹².

Conta-se que Santa Teresa de Ávila disse que ante a escolha de um padre sábio ou de um padre piedoso para confessor, escolheria o sábio. A experiência mostra a que desatinos pode conduzir uma piedade apoiada sobre a ignorância ou carente de uma autêntica sensibilidade evangélica. Dizia um superior a respeito do piedoso religioso que causara enorme prejuízo à comunidade: “Esses homens de oração são capazes de tudo!”. Há santos que foram piedosos, mas nem todos os piedosos se comportam como

¹² Ver A. Hamman, *Os Padres da Igreja*, Paulinas, São Paulo, 1980, 35-52 e 245-254.

santos. A experiência o comprova. Em qualquer comunidade os mais fraternos, aqueles com quem se convive mais à vontade, com maior tranquilidade e alegria não costumam ser os mais rezadores. Voltando a Terry Eagleton: “Espantosamente, não somos salvos por um aparato especial conhecido como religião, mas pelas qualidades das nossas relações cotidianas com os outros”¹³ (ver Mt 25,31-46).

Depois de recordar que somos todos chamados ao testemunho, mas que são incontáveis existenciais de testemunho, Francisco se reporta ao “gênio feminino”, capaz de inspirar estilos femininos de santidade, indispensáveis para refletir a santidade de Deus neste mundo. Faz referência a santas que marcaram a história da igreja como Hildegarda de Bingen, Brígida, Catarina de Sena, Teresa de Ávila, Teresa de Lisieux, mas também inclui a multidão de mulheres desconhecidas ou esquecidas que marcaram presença na família e na comunidade¹⁴. No Brasil temos o testemunho admirável de irmã Genoveva e irmã Dorothy. A primeira permaneceu por mais de meio século numa tribo indígena. Quando chegou, a tribo estava a caminho da extinção. Com sua atuação junto com outras irmãs contribuiu decisivamente para que a tribo voltasse a crescer e tomasse o caminho da recuperação, tudo isso dentro do máximo respeito pela cultura indígena. Hoje a tribo se encontra recuperada, fiel a sua cultura. Irmã Dorothy foi assassinada a mando de fazendeiros por causa de sua luta em defesa de pequenos agricultores. Além desses, outros numerosos testemunhos de ontem e de hoje poderiam ser lembrados. Volto a referir-me às beatas do padre Ibiapina e em sua prática educativa nas Casas de Caridade. Junto a elas as crianças recebiam não a educação sofisticada dos posteriores colégios de freiras europeias, mas eram instruídas por beatas nordestinas para serem boas donas de casa no interior do Nordeste. Podemos hoje pensar nas mulheres atuantes em nossas comunidades, algumas com uma dedicação humilde, mas verdadeiramente heróica, como acontece com muitas agentes da Pastoral da Criança. A santidade, afirma Bento XVI, “não é mais do que a caridade plenamente vivida”¹⁵.

“Na Igreja, santa e formada por pecadores, encontrarás tudo o que precisas para crescer rumo à santidade”¹⁶. Erasmo de Rotterdam dizia que embora às vezes fosse difícil suportar a igreja, não podemos esquecer que ela nos suporta. Frente às graves

¹³ T. Eagleton, O debate..., 28.

¹⁴ Ver *Ge*, 12.

¹⁵ Citado em *Ge*, 21.

¹⁶ *Ge*, 15.

limitações da igreja, precisamos ser lúcidos e pacientes. Apesar das imperfeições e pecados, a igreja nos oferece os meios de que necessitamos para o seguimento de Jesus. Para o crente em Jesus Cristo, a permanência na igreja se impõe, porque o cristianismo é essencialmente eclesial. Da igreja recebemos a fé, a Escritura e a Tradição com a riqueza de elementos que a constituem. Assim somos alimentados na caminhada, crescendo “de glória em glória”, em meio a escorregões e quedas. Na igreja estamos unidos à multidão daqueles que bem ou mal seguiram e seguem o Senhor, amaram-no e amam-no, cada um, cada um na condição de “simul iustus et peccator”.

Concluo citando o papa Francisco:

O desígnio do Pai é Cristo, e nós nele. Em última análise é Cristo que ama em nós, porque a santidade ‘não é mais do que a caridade plenamente vivida’. Por conseguinte ‘a medida da santidade é dada pela estatura que Cristo alcança em nós, desde quando, com a força do Espírito Santo, modelamos toda a nossa vida sobre a sua’. Assim, cada santo é uma mensagem **que** o Espírito Santo extrai da riqueza de Jesus Cristo e dá ao seu povo¹⁷.

(Recebido em março de 2018; aceito em abril de 2018)

¹⁷ Ge,21.